

Tarkovsky Quartet

TGB

07 Out 2018

21:00 Sala 2

OUTONO EM JAZZ

Tarkovsky Quartet

François Couturier *piano*

Anja Lechner *violoncelo*

Jean-Marc Larché *saxofone soprano*

Jean-Louis Matinier *acordeão*

Os filmes de Andrei Tarkovsky, ícone do cinema russo, há muito inspiram a música do pianista francês François Couturier. A propósito de Tarkovsky, o aclamado cineasta sueco Ingmar Bergman terá comentado que “se desloca com uma grande naturalidade no domínio dos sonhos”. O quarteto franco-alemão Tarkovsky Quartet inspirou-se no cineasta russo para criar uma linguagem onírica com a sua marca própria. Para o líder e pianista François Couturier, “o silêncio e a lentidão de Tarkovsky” estão relacionados com um ideal estético da etiqueta ECM, características presentes no terceiro álbum do quarteto, *Nuit Blanche*, produzido por Manfred Eicher em 2016. Nele, as peças escritas por François Couturier ou criadas no momento por qualquer um dos membros exploram a textura onírica e a memória, continuando a referenciar a obra do cineasta russo. Tocando música improvisada, moderna ou barroca, a originalidade e a criatividade do Quarteto Tarkovsky sobressai.

Nuit blanche prossegue o trabalho desenvolvido nos anteriores *Nostalghia – Song for Tarkovsky* (2005) e *Tarkovsky Quartet* (2009). Desde o início, as composições e os arranjos estabeleceram um contexto no qual a improvisação podia florescer, tanto em concerto como nos registos discográficos. Aludindo a um compositor que Tarkovsky ouvia ao mesmo tempo que trabalhava no filme *Stalker*, o quarteto incorpora a interpretação crepuscular de “Cum dederit delectis suis somnum” de Vivaldi. O grupo inclui ainda um arranjo de uma peça do século XVI de compositor desconhecido: a violoncelista Anja Lechner encontrou o manuscrito entre as partituras e livros dos avós, ambos músicos.

O Tarkovsky Quartet formou-se oficialmente após o convite dirigido à violoncelista alemã Anja Lechner para se juntar a Couturier e aos seus companheiros regulares Jean-Marc Larché e Jean-Louis Matinier. Depois do lançamento do álbum de estreia, ganhou projecção internacional quando se estreou no Festival de Jazz de Bérgamo, em 2006.

A título individual ou em diferentes formações, os músicos do quarteto têm desenvolvido longas relações com a editora ECM. François Couturier e o saxofonista Jean-Marc Larché gravaram para a etiqueta em 1994, enquanto membros do grupo do mestre de oud Anouar Brahem, e em trio com Brahem e Jean-Louis Matinier, nos álbuns *Le pas du chat noir* e *Le Voyage de Sahar*. Couturier

continua a desempenhar um papel muito importante nos ensembles de Brahem, incluindo o recente Souvenance Quartet. O pianista e a violoncelista integram Il Pergolese, ao lado da cantora Maria Pia de Vito e do percussionista Michele Rabbia, projecto que reinterpreta e rearranja, muitas vezes radicalmente, a música do compositor italiano do século XVIII Pergolesi. A discografia da violoncelista Anja Lechner inclui colaborações com o bandoneonista Dino Saluzzi, Tigran Mansurian (*Quasi palando* e *Mirror*) e Valentin Silvestrov. O acordeonista Jean-Louis Matinier explorou a música para cinema ao lado de Louis Sclavis (*Dans la nuit*) e com Marco Ambrosini gravou arranjos de Bach, Biber e Pergolesi, bem como composições originais e improvisações.



TGB

Sérgio Carolino *tuba*

Mário Delgado *guitarra*

Alexandre Frazão *bateria*

Poderia significar “The Greatest Band” mas, neste caso, o acrónimo refere-se somente aos instrumentos: Tuba, Guitarra e Bateria. TGB é um Trio de jazz invulgar, formado em 2003 por alguns dos mais aclamados músicos em Portugal: Sérgio Carolino, Mário Delgado e Alexandre Frazão. Editaram *Tuba, Guitarra e Bateria* (2004), *Evil Things* (2010) e preparam agora o terceiro CD.

O colectivo confirma-se como uma proposta a ter seriamente em conta no espectro geral da música criativa; o formato instrumental é invulgar, mas ainda mais o que os elementos constituintes dos TGB fazem com ele. Quando estamos na presença de uma tuba e não existe um contrabaixo à vista, presumimos que as suas funções são substitutivas deste. Errado: executante de renome internacional com actividade partilhada entre a música erudita (clássica e contemporânea) e o jazz, Carolino utiliza a sua ferramenta de trabalho tanto ritmicamente como para construir melodias enquanto solista.

Este vai e vem nos parâmetros musicais do Trio redefine também os papéis dos seus companheiros. A guitarra de Delgado ora estabelece malhas de suporte, ora coloca-se à frente, de algum modo evidenciando a formação deste veterano músico da cena nacional com John Abercrombie e Bill Frisell e o seu gosto por guitarristas que fizeram largo uso da distorção e do feedback como Jimi Hendrix e Jimmy Page. Na bateria, Frazão é muito mais do que um marcador de tempos e métricas, ou não tivesse estudado com o mestre Max Roach, o mais melódico dos percussionistas da história do jazz.

A abordagem e a escolha de repertório deste projecto revelam a sua singularidade: com composições dos próprios ou pedidas emprestadas ao *songbook* jazzístico, à música popular portuguesa e ao rock, erigiu uma música muito actual e multifacetada, com largo espaço para a improvisação e um notável equilíbrio entre os préstimos individuais e o chamado “efeito de grupo”.

Estes três magníficos apresentam-nos um concerto de uma música sem fronteiras, indomável, que nos interpela despertando emoções que antes não conhecíamos. Mais do que um espectáculo ao vivo, TGB é um lugar de intercepção entre criação contemporânea e produção de pensamento crítico.



**INFI
NI
T
VÃO**

A Casa da Arquitectura convida os espectadores do Festival Outono em Jazz a visitarem a exposição “INFINITO VÃO – 90 anos da arquitectura brasileira”. Nos meses de Outubro e Novembro, apresente o bilhete do concerto e aproveite o desconto de 50% na entrada da exposição.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO